

O HOMEM QUE VEIO A LISBOA PRÉGAR DEUS AO DR. AFONSO COSTA

PÁGINA DE MEMÓRIAS

Muito tempo da minha vida passei-o em Lisboa nas redacções dos jornais e foi aí que eu adquiri, em grande parte, a pouca experiência que possuo. Por essas salas banais com meia dúzia de mesas velhas e colecções de gazetas penduradas na parede, passaram diante de mim os políticos, os homens célebres, e os doidos, que os jornais atraem, e por quem tive sempre uma grande ternura. Já Dickens, empurrando um admirador pela porta fóra, exclamava:— Os doidos! só os doidos é que são interessantes!

Conheci um que vivia para o planalto de Benguela, e que passava as noites a lêr-me folhetos e

papeis sôbre o sonho de toda a sua vida. Perdera anos e anos na Africa, com dois pretos e uma panela velha. De longe em longe vinha a Lisboa. Nas repartições públicas ninguém o ouvia, corria as redacções dos jornais com os bolsos cheios de papeis e de memórias. Lembra-me de outro — de quem nunca soube o nome — que chegava, sentava-se no meu gabinete de *A República*, e ali se conservava a olhar para mim até de madrugada. De madrugada levantava-se e dizia:— Bôa noite. Nem mais uma palavra. Ao outro dia lá estava no mesmo sítio, calado, pontual, exacto, mais exacto que os redactores, que os tipógrafos e até que o

relógio da casa. Na redacção de *A República* foi que um dia me apareceu também inesperadamente o António Lourenço (27 de Outubro de 1911).

— Você que quer?

— Venho a Lisboa prégar Deus ao dr. Afonso Costa. Tudo isto muda no dia em que eu os vencer.

Ponho-me a olhar para êle. Deve ter mais de cinquenta anos. E' uma figura sêca, amolgada pela vida. Tem não sei quê de grande e de triste. Quere exprimir-se, e balbucia. E' um aldeão da Guarda, que desceu da montanha e vem prégar ao povoado. Vê-se que aquilo o dominou até fazer parte integrante de todo o seu sêr. Largou tudo, deixou tudo e pôs-se a caminho. Onde dorme? Onde come? Não sei, nem êle decerto o sabe. A todas as perguntas responde sempre da mesma forma obstinada:

— É preciso demonstrar a esta gente que Deus existe. Eu não sou católico, não me importo com igrejas nem com padres. Entendo porém que o mal de que padece toda a nossa sociedade é a descrença em Deus e o progresso do materialismo.

— Mas que quer que lhe faça?

E êle entra logo em várias explicações confusas. É um simples, mas é também um homem com grandeza, como todos aquêles que sofrem, trabalham, e se obstinam. Quere prégar, e teima: «Deus existe, porque vejo obras que os homens não fizeram por suas próprias mãos, nem por suas próprias mãos podem desmanchar».

E António puxa dum papel.

— O que quero está escrito aqui:

«A ruína do país vem dos materialistas. Materialistas são os homens que dizem que não há Deus, e que o homem é só matéria. Os homens que eu acuso que se justificquem; eu estou pronto a sofrer se não provar o que afirmo.

«Por êste meio ficam avisados os sábios materialistas a apresentarem-se a debater comigo, em reunião que daqui a dias se anunciará. Deus existe!»

Pedimos-lhe que assine o nome, e, vagarosamente pegando na pena como numa tranca, com os dedos nodosos e habituados à enxada, êle assina: *António Lourenço*. António Lourenço vai prégar o idealismo às turbas de Lisboa. Quere principalmente discutir. Os seus argumentos não serão nem sólidos nem brilhantes. Mas tem fé, e é, como êle diz, a sua consciência que o impele.

António Lourenço, na verdade te digo, não sabes o que te espera!

À noite surge inesperadamente Junqueiro e pergunta logo:

— O cavador? onde está o homem? — Fui-lh'o

buscar. E tenho pena de não poder reproduzir textualmente a ironia que faiscou e durou um minuto como uma bola irisada de sabão...

— O senhor que é na sua terra?

— Cavador.

— Então como é que Deus existe?

— Porque foi Êle que criou tudo isto.

— Quem criou tudo isto não foi Deus, foi o diabo. Deus não pôde criar senão uma obra perfeita. Ora tudo no mundo é imperfeito e o homem é mau. O senhor na sua vida nunca encontrou anjos.

— Mas, segundo a doutrina dos nossos maiores, no Paraíso o homem era bom.

— No Paraíso o homem já era mau. Veja o senhor uma laranja. Em certo momento é uma obra perfeita. — Três dias depois está pôdre. Porquê? Porque já tinha dentro o germen mau. O homem, no Paraíso, se se perdeu, é que já tinha dentro de si o germen mau. Só se Deus o criou imperfeito. Mas Deus, que é divino, que é perfeito, não pode criar imperfeito. Portanto não criou o homem, nem criou a pedra, nem criou as plantas, que também são más, porque roubam o sustento e o sol aos seus próprios filhos. Quem criou o mundo, quem criou tudo isto, não duvide, foi o diabo!

E o António Lourenço balbucia:

— Ora essa! ora essa!

Por fim Junqueiro diz-lhe:

— Vá para a sua terra e viva e morra na paz do Senhor, como eu quero morrer também. O senhor tem razão, eu é que a não tenho. O senhor possui a verdade, mas aqui em Lisboa são tudo doutores, e ao senhor falta-lhe isto... — e aponta para as estantes com livros — a leitura dêstes cahamaços.

E quando êle sai, conclui:

— É um bloco de granito com uma scentelha lá dentro.

Também a mim, a cada dia que passa, mais se me afigura que quem tinha razão era o António Lourenço. O que deu cabo da república foi a falta de idealismo dos seus homens, foi a horrível inteligência da maior parte dos políticos, que não compreenderam o povo português, tão extraordinariamente idealista que no dia 5 de Outubro guardou, esfarrapado e esfomeado, os bancos da rua do Ouro. Entre o povo português e os políticos vai-se cavando um abismo cada vez maior. Grande razão tinha o António Lourenço, que não sabia, como o país arredado e tartamudo, explicar que queria mais justiça e mais pão!

RAÚL BRANDÃO.